REFLEXÃO

ORIGINAL

Editores
Ceci Maria Costa Baptista Mariani, Breno Martins Campos.

Conflito de interesse
Não há conflito de interesse.

Recebido
1 set. 2025

Aprovado
16 set. 2025

Religiosidade popular e catolicismo popular: sinônimos brasileiros

Popular religiosity and popular Catholicism: Brazilian synonyms

Marco Antonio Fontes de Sá[1]

[1] Pesquisador autônomo. São Paulo, SP, Brasil. *E-mail*: <maf.sa@terra.com.br>.

Como citar este artigo: Sá, M. A. F. Religiosidade popular e catolicismo popular: sinônimos brasileiros. *Reflexão*, v. 50, e2514541, 2025. https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e14541

Resumo

Neste texto pretendo uma reflexão sobre a confluência, analogia e até mesmo o sinônimo das expressões catolicismo popular brasileiro e religiosidade popular brasileira, baseado em uma experiência de campo e em pesquisas sistemáticas de outros autores que se dedicaram aos temas, mostrando que associar as duas expressões e fazer delas uma só não é um preconceito e muito menos uma apologia ao catolicismo. Também apresento uma reflexão sobre as particularidades da formação dessa religiosidade no Brasil e das suas celebrações nas festas populares que justificam ainda mais o conceito de que as duas expressões são sinônimos.

Palavras-chave: Catolicismo popular. Cultura popular. Folclore, Religiosidade popular.

Abstract

In this text I intend to reflect on the confluence, analogy and even synonym of the expressions Brazilian popular Catholicism and Brazilian popular religiosity, based on a field experience and systematic research by other authors who have dedicated themselves to the themes, showing that associating the two expressions and making them one is not a prejudice and much less an apology for Catholicism. I also present a reflection on the particularities of the formation of this religiosity in Brazil and its celebrations in popular festivals which further justify the concept that the two expressions are synonymous.

Keywords: *Popular Catholicism. Popular culture. Folklore. Popular religiosity.*

Introdução

> Na religiosidade popular se encontram a angústia dos que sofrem e a esperança dos que experimentam a companhia de Deus 24 horas por dia - Depoimento de Maria Dolores da Cruz, Metodista de Cuba (van der Poel, 2013, p. 891)

Há mais de 30 anos, me interesso e fotografo a cultura e a religiosidade popular brasileira. Durante esse tempo, fui, sem perceber, confundindo a religiosidade popular com o catolicismo popular. Essa "confusão" é, para mim, parte de um processo natural, característico do Brasil, onde diversas culturas e saberes se misturaram na

CC BY

sombra de um catolicismo institucional e "oficial", formatado e centralizado na figura do Papa e do Vaticano e difundido pelo clero, sem levar em conta a diversidade das cosmovisões dos povos que habitavam os lugares onde o catolicismo foi introduzido com a colonização europeia.

Todavia, o catolicismo popular não é uma particularidade brasileira. Ele sempre existiu, mas se tornou, naturalmente, uma forma de resistência e de escape à rigidez normativa imposta pelo clero, especialmente depois do Concílio de Trento (1545-1563).

Foi o processo de colonização do Brasil que, para mim, fez com que aqui o catolicismo popular e a religiosidade popular se tornassem sinônimos de uma mesma formatação das crenças, devoções e práticas que se organizaram num país formado pelos povos nativos, africanos e portugueses.

Toda religiosidade é naturalmente popular

Religiões[2] não nascem institucionalizadas. Elas surgem no meio do povo como uma manifestação iniciada por uma liderança carismática que pode ser uma pessoa ou um grupo de pessoas que acredita na existência de um mundo sobrenatural convivendo com o natural e que propõe (e não impõe) atitudes e procedimentos de relacionamento com esse mundo sobrenatural e, simultaneamente, com o mundo natural, sua geografia e os seres que nele habitam, com o universo enfim. Dessa relação surgem os mitos e posteriormente os ritos para comemorá-los. Outras pessoas se sentem chamadas a seguir esses líderes. Quando essas lideranças morrem, outros membros do grupo assumem seus lugares criando hierarquias. O grupo cresce, cria uma identidade e essa identidade se torna uma condição de pertença que se torna uma regra, que absorve a hierarquia, assume os mitos, regulamenta os ritos, estabelece dogmas. É então que começa a institucionalização do que chamamos religião.

O processo de institucionalização do cristianismo que começa a ser catolicismo[3] a partir do século II, teve início logo nos primeiros séculos da nossa era e foi se solidificando mesmo quando sofria perseguições que geravam mártires (os primeiros santos), até que, no século IV com o imperador Constantino e o Édito de Milão (313 d.C.) deixa de ser perseguido e passa a contar com o apoio do Estado.

Os Concílios de Nicéa (325 d.C.) e de Constantinopla (381 d.C.) tinham como uma das premissas básicas a definição do que significava ser católico, principalmente face a divergências no entendimento de quem era de Jesus. Desses concílios surgiram a formulação da oração do Credo que é, de fato, o estatuto do catolicismo.

Ainda assim, divergências sobre o tema se perpetuaram depois dos concílios. Foram tratadas como heresias e seus seguidores perseguidos e castigados[4].

Durante a Idade Média acontece o fortalecimento dessa institucionalização que, como consequência, fará uma profunda distinção entre o sagrado e o profano (o que é divino e o que não é), entre o clero e os leigos, entre o que é certo e errado.

---

[2] A palavra religião tem origem no latim (relegere ou religare) e, portanto, uma origem europeia. Há pesquisadores que discordam do uso dessa palavra para nomear todos os sistemas de crenças que existem no mundo. Aqui, estamos trabalhando com a definição do senso comum que não leva em conta as particularidades da origem do nome.

[3] A palavra católica tem origem grega e significa universal. Ela emergiu em registros escritos, na Igreja de Roma, pela diáspora de cristãos dispersos pela dominação romana, por volta do sec. II. Inácio de Antioquia a mencionou e o nome está associado à Igreja desde o Concílio de Constantinopla, em 381 D.E.C. Disponível em: https://religiaoepoder.org.br/artigo/catolicismos-origens-e-expressoes-no-mundo/#:~:text=O%20nome%20grego%2C%20transmutado%20ao,na%20altura%20do%20século%202. Acesso em: 16 ago. 2024.

[4] Esse é um assunto sobre o qual farei um paralelo quando me aprofundar no catolicismo popular.

O centro institucional do catolicismo

Não há outra religião no mundo que tenha uma figura como o Papa e um lugar como o Vaticano. Outras religiões têm lideranças e lugares de onde os líderes atuam, mas há uma certa autonomia entre as várias lideranças de uma mesma religião, especialmente quando ela está presente em vários lugares do mundo. Já o Papa e o Vaticano representam a centralização das decisões e definições sobre o rumo da Igreja Católica no mundo, há séculos. Há muitas vantagens em se ter essa centralização, mas uma das grandes desvantagens é que, ao logo da história, decisões sobre a prática e os dogmas do catolicismo foram tomadas sem levar em conta as particularidades culturais e cosmovisões dos povos que viviam onde o catolicismo se implantou, particularmente a partir do século XV com o início das grandes navegações e da consequente colonização de outras terras[5]. O que hoje costumamos chamar de inculturação[6] não era sequer sonhado pelos missionários colonizadores. Em outras palavras, a Igreja Católica entrou na Idade Moderna agindo no mundo de uma forma semelhante à do século IV, a partir dos concílios de Nicéa e Constantinopla. Ela continuou dividindo o mundo conhecido entre o que era católico e, consequentemente, sagrado e certo, e o que não era, e, portanto, profano, errado e frequentemente diabólico.

No início do século XVI essa centralização de poder e uma série de outras questões que dela se originavam incomodou um monge Agostiniano alemão chamado Martinho Lutero (1483-1546). Suas discordâncias eram teológicas e políticas e, consequentemente, também eram sobre como viver o cristianismo. Suas ideias repercutiram no Vaticano e na Europa e fomentaram outras manifestações semelhantes como a de Calvino, na Holanda, e Henrique VIII, rei da Inglaterra. Nascia assim a Reforma Protestante.

A Reforma, os Jesuítas, a Contrarreforma e o catolicismo popular

Muita reza, pouca missa

Muito santo, pouco padre

A resposta da Igreja Católica às novas ideias e acusações da Reforma Protestante foi a convocação do Concílio de Trento (1545-1563) quando foram reafirmados dogmas questionados pelos protestantes e assumida uma posição de confronto que resultará, entre outras coisas, na disputa de territórios conquistados e convertidos. Em 1534 é fundada a Companhia de Jesus[7], mais conhecidos como Jesuítas, uma ordem religiosa formada por padres letrados e mais preparados para a busca de novas almas para a Igreja Católica, que contrastava com o clero iletrado e secular[8] que, até então, era o que majoritariamente assumira a cristianização[9] dos novos territórios. Todavia, esse catolicismo regulamentado, oficial e conhecido como tridentino, que Azzi (1978, p. 9) chama de renovado vai demorar pelo menos três séculos para, efetivamente, se instalar no Brasil.

---

5 Todavia, também na própria Europa, havia diferenças culturais entre os vários povos. As presenças dos Celtas (600 a.C.– 600 d.C.) e muçulmanos (sec. VIII – sec. XV) na Península Ibérica, por exemplo, deixaram marcas que influenciaram a vida de portugueses e espanhóis e a forma como eles celebravam seu catolicismo.

6 Temas como Inculturação e Alteridade, conhecimento e respeito por quem é diferente, só serão tratados pela Igreja de forma mais efetiva na partir do Concílio Vaticano II (1962 – 1965).

7 Fundada em 1534 por Inácio de Loyola e aprovada pelo Papa Paulo III em 1540.

8 Padres que não estavam ligados a uma Ordem Missionária (Congregação) e que hoje são chamados de diocesanos.

9 Prefiro chamar o processo de catequese dos povos colonizados de cristianização e não de evangelização, ainda que essa diferenciação tenha uma base teológica que foge da minha alçada.

> Em todo o período colônia, ou seja, nos três primeiros séculos de vida cristã no Brasil, dominou inconteste o catolicismo tradicional. Durante essa época, apenas os jesuítas e alguns bispos tentaram efetivamente introduzir no Brasil o catolicismo renovado, de inspiração tridentina. Não obstante esses esforços não chegaram realmente a ter um grande êxito.
>
> A época imperial se caracteriza por uma acentuada luta de hegemonia entre o catolicismo tradicional, que goza do apoio do governo, e o catolicismo renovado, propugnado pelos bispos reformadores

Azzi distingue o catolicismo tradicional do renovado considerando que:

O catolicismo tradicional é luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar, enquanto o catolicismo renovado é romano, clerical, tridentino, individual e sacramental.

O Brasil tornou-se um país católico principalmente pela ação dos leigos portugueses (van der Poel, 2013)

Assim, o catolicismo que existiu no Brasil colonial trazia em sua essência a experiência popular dos portugueses[10], que foram influenciados pelos Celtas e conviveram com o Islamismo, e que se formatou a partir de uma catequese familiar, particularmente nos engenhos de cana-de-açúcar, com suas capelas, oratórios e devoções, e que era muito mais celebrado nas festas de padroeiros no que nos sacramentos. "Se o oratório, como centro de devoção no lar, é a expressão típica do caráter familiar da religião, as procissões pelas ruas da cidade são a grande manifestação do caráter social do catolicismo" (Roxo; Santos, 1978, p.51).

Particularmente no Nordeste:

> A divisão da participação das classes sociais no catolicismo do nordeste brasileiro deriva da relação íntima entre o clero e a elite agrária. No passado, os engenhos tinham padres residentes cujo serviço era acessível à família do senhor e a uma minoria de trabalhadores (Murphy, 2008, p. 29).

Enquanto isso, o catolicismo renovado trazia os dogmas e valores decididos em Roma e propagados pelo clero[11] que valorizava muito mais a vida em contato com o sagrado (sacramentos) do que com o profano (festas e devoções populares).

Esse embate se assemelha a uma massa exprimida com uma das mãos, que acaba escapando pelas frestas dos dedos. O catolicismo popular é essa massa que transborda fugindo da pressão. Retorno por isso, ao título deste texto para afirmar que, no Brasil, religiosidade popular é sinônimo de catolicismo popular pois não houve por aqui um embate semelhante que produzisse um Islamismo popular, um Budismo popular ou um Judaísmo popular e, ainda que reconheça que todas essas religiões tenham, ou possam ter, seus saberes e práticas que não são oficialmente regulamentados, eles não afrontam ou resistem a uma formatação centralizada e distante que, de fato, nem existe.

Todavia, como o catolicismo popular é, até hoje, permeado de práticas e saberes oriundos da cultura dos povos nativos e africanos (principalmente dos que vieram do Congo e de Angola, conhecidos como Bantu) e de judeus convertidos, espontaneamente ou não, ao cristianismo, passarei, a partir de agora, a usar exclusivamente a expressão religiosidade popular, tendo em mente que sua espinha dorsal é o catolicismo definido por Azzi como tradicional.

---

10 Judeus portugueses convertidos, chamados de cristãos-novos também fizeram parte importante desse processo de formação do catolicismo brasileiro. Convertidos espontaneamente ou sendo obrigados por conta de perseguições do clero, eles jamais abandonaram totalmente algumas práticas judaicas.

11 Devoções que nasceram no meio do povo como a São Benedito, Santa Bárbara e Santo Antonio foram substituídas por outras organizadas pelo clero, como ao Sagrado Coração de Jesus. Até a famosa Festa do Divino que acontece atualmente em todo o Brasil, foi proibida durante anos, no início do século XX.

Sublinhando a religiosidade popular

Foi na Conferência de Medellin (Colômbia, 1968) que essa expressão ganhou destaque no ambiente católico. Onze anos depois, a Conferência de Puebla[12] em 1979 definiu, a religiosidade popular:

> Entendemos por religião do povo, religiosidade popular ou piedade popular o conjunto de crenças profundas marcadas por Deus, das atitudes básicas que derivam dessas convicções e as expressões que as manifestam. Trata-se da forma ou da existência cultural que a religião adota em um povo determinado. A religião do povo latino-americano, em sua forma cultural mais característica, é expressão da fé católica. É um catolicismo popular (Documento de Puebla texto integral, 1979, p.93).

E ainda que faça algumas restrições, Puebla reconhece o valor das devoções e celebrações populares

> A revalorização da religiosidade popular, apesar de seus desvios e ambigüidades, exprime a identidade religiosa do povo. Ao purificar-se de eventuais deformações, ela oferece um lugar privilegiado à evangelização. As grandes devoções e celebrações populares têm sido um distintivo do catolicismo latino-americano; elas conservam valores evangélicos e são sinal de pertença à Igreja (Documento de Puebla texto integral, 1979, p.93).

Para Poel (2013, p. 891), "na religiosidade popular não se separam vida e a religião. A religiosidade popular está no cotidiano [...] O povo age com liberdade, criatividade, alegria, sinceridade e do seu jeito, com sua vasta simbologia e cultura muito original".

Essa ausência de fronteiras entre vida e religião, entre sagrado e profano, também existe nas culturas dos povos nativos e dos africanos, especialmente o povo Bantu, que veio para cá escravizado, e é um fator de agregação entre elas na formação da religiosidade popular.

Religiosidade popular e a canonização de Deus

A religiosidade popular foi formada entre pessoas, leigos e padres, pouco letrados e pouco habituados ao contato com as escrituras. Ela é assim, muito mais mitológica do que teológica porque se fundamenta na devoção aos santos a partir de suas hagiografias e histórias míticas sobre seus milagres. Os santos assumem, na religiosidade popular, um papel muito importante, chegando mesmo a se sobrepor à ideia de Deus que passa a ser alcançado somente pela intercessão feita pelos padroeiros. Efetivamente, a figura do santo, como alguém cuja vida e história estão mais próximas da vida de cada devoto[13], criou um processo que chamo de canonização do divino, em que Deus também é tratado como um santo. Presenciei, nas Missas das festas do Divino Espírito Santo em vários estados brasileiros e do Divino Pai Eterno em Trindade – GO, uma preocupação comum e frequente dos padres em suas homilias, em deixar bem claro para o povo, que os dois "divinos" homenageados nas festas eram, de fato, Deus e não um santo. Essa experiência de campo não foi exclusiva. Pedro Ribeiro de Oliveira descreve uma semelhante com um romeiro "[...] indagado sobre

---

12 Assim, para a Igreja Católica, o termo religiosidade popular se confunde com catolicismo popular não apenas no Brasil, mas também na América Latina.

13 São Benedito, um dos mais populares santos, especialmente entre a comunidade afrodescendente, viveu no século XVI e, embora só tenha sido canonizado no início do século XIX, já tinha devotos no século XVII, graças às histórias de diversos milagres feitos em vida, que são também a razão de sua variada iconografia.

o santo de sua devoção ele respondeu ser "devoto do Divino Pai Eterno". Perguntado sobre se este é o maior de todos os santos, o romeiro respondeu: "Não. Primeiro é Deus, depois o Divino Pai Eterno" (Roxo; Santos, 1978, p.77).

A ancestralidade como interface entre culturas e base da religiosidade popular no Brasil

Se os santos eram a base da religiosidade popular luso-brasileira como intermediários entre a Terra e o Céu, para os povos nativos e africanos Bantu[14], ambos escravizados, a memória e culto aos ancestrais como mediadores entre o mundo natural e o sobrenatural também era uma prática comum. Essa semelhança de papéis entre santos e ancestrais foi um dos fatores para uma mistura relativamente bem-sucedida de cosmovisões, que acabaram por particularizar a religiosidade popular brasileira[15]. Todavia, se a presença da religiosidade dos povos nativos continua forte nas práticas da medicina popular, ela é, na minha observação de campo, menos notável nas festas populares de caráter religioso onde a identidade africana aparece, frequentemente, muito mais forte, nos rituais em locais públicos, onde o canto e a dança são fundamentais. Congadas e Maracatus Nação[16], por exemplo, são manifestações em que a ida para as ruas com seus cantos e danças são rituais religiosos com uma base africana. No meu entender, as manifestações públicas, em espaços públicos, que têm caráter de rito religioso são todas fundamentadas nas cosmovisões africana/portuguesa em proporções variáveis. Isso não significa que não haja religiosidade entre os participantes de manifestações que não são, explicitamente, rituais[17].

Para explicar melhor minha opinião, tomo como exemplo as manifestações do Cavalo Marinho, o Bumba meu boi e o Maracatu de baque solto[18]. Os dois primeiros têm raízes comuns, com nomes diferentes em função do estado brasileiro em que se desenvolveram (Maranhão e Pernambuco/Paraíba, respectivamente) e são, de fato, danças dramáticas, isto é, danças populares com conteúdo narrativo. Da mesma forma, o Maracatu Rural, tem em comum com o Cavalo-Marinho a origem entre os trabalhadores do corte da cana-de-açúcar.

Essas danças dramáticas, segundo Andrade (1982, p. 26), tinham, na sua origem, um significado religioso, porém:

> Foi a finalidade religiosa que deu aos bailados a sua origem primeira e interessada, a sua razão de ser psicológica e a sua tradicionalização.
>
> Com o decorrer dos anos, incham certos elementos ou partes desse todo tão complexamente interessado duma dança dramática, assumem por esta ou aquela razão, muitas vezes inexplicável, uma importância desmedida, e a qualidade religiosa originaria vai degradando aos poucos. O interesse pelo cômico e sempre um dos elementos principais dessa degradação religiosa das criações populares teatrais.

Esse interesse pelo cômico é consequência de uma frequente dramatização crítica da relação entre patrão e empregado no trabalho no campo, particularmente no corte de cana-de açúcar.

---

14 O culto aos falecidos das outras etnias africanas, também escravizadas no Brasil, é diferente da dos povos Bantu.

15 Também é uma das bases para o surgimento da Umbanda.

16 O Maracatu de Baque Solto ou Maracatu Rural é outra manifestação pernambucana, mas que tem uma fundamentação religiosa diferente da do seu primo mais velho, o Maracatu Nação ou de Maracatu de Baque Virado.

17 Transes e incorporações podem acontecer nessas ocasiões.

18 Maracatu Rural, Cavalo Marinho e Bumba meu Boi, ainda que não se possa estabelecer a origem exata das três manifestações, surgiram entre o fim do século XIX e início do XX e, portanto, quando a escravidão já estava no fim ou havia sido abolida.

As dramatizações também foram frequentemente usadas pelos Jesuítas na catequese dos povos com que tiveram contato. As Cavalhadas e suas variações, tais como as Cheganças retratam as batalhas entre mouros e cristãos que, direta ou indiretamente, também influenciaram outras manifestações, levando seus símbolos até para algumas Congadas.

O Mastro a Cavalo, apresentado na Figura 1, é a introdução da Cavalhada numa festa de N. Sra. do Rosário (Reinado) em Chapada do Norte – MG.

Figura 1 – Mastro a cavalo – Festa de N. Sra. do Rosário.
Fonte: Marco Antonio Fontes de Sá.

Murphy, valendo-se da nomenclatura de Mario de Andrade, relacionou diversas festas ou danças que classificou como Danças Dramáticas.

Aproveitei essa classificação, incluí as Cavalhadas e Cheganças na relação e fiz o Quadro 1, apresentando as danças dramáticas e acrescentei ao lado as danças ou grupos que, entendo, serem rituais religiosos, vários deles destinados a pagar promessas.

No Quadro 1 ratifico minha afirmação de que nas danças ou festas que são rituais religiosos, a presença dos saberes e crenças portuguesas e africanas são mais fortes, e as dos povos nativos menos notáveis. Nas Danças Dramáticas a figura do nativo está mais representada.

Minha hipótese para explicar o desaparecimento dos rituais com saberes e credos religiosos dos povos nativos nessas festas se baseia em três fatores:

1- Os povos nativos foram escravizados no seu próprio território: Diferentemente dos africanos que foram transportados para uma terra distante onde tudo era diferente, os povos nativos, originalmente nômades, foram escravizados em lugares onde a fauna, a flora, o clima e a geologia eram familiar.

2 - Com isso eles tiveram uma necessidade menor de adaptação do que os africanos, pois mantinham contato com um universo que sustentava suas crenças, mitos e práticas religiosas. Os africanos, ao contrário, tiveram que reinventar seus mitos e ritos a partir da nova realidade totalmente diferente, e do rompimento da relação com os mais velhos e, consequentemente, com sua história, tradições, mitos e ritos originais.

3- No caso de libertação ou fuga, um nativo podia, com muito mais facilidade, retornar às suas origens e "voltar a ser o que era" antes de ser escravizado. Os africanos não podiam fazer isso. Ainda que se livrassem da escravidão, o que lhes restava como conhecimento e identidade era o que a nova

realidade impôs e foi resignificado no contato com os portugueses e com os povos nativos[19]. Essa foi a cultura passada às novas gerações.

Quadro 1 – Título: Danças Dramáticas e Rituais Religiosos

DANÇAS DRAMÁTICAS	RITUAIS RELIGIOSOS
Cavalhadas	Reinados (Congadas)
Cheganças	Folias de Reis
Reisados	Folias do Divino
Guerreiros	Penitentes
Bumba meu boi	Dança de São Gonçalo
Maracatu de Baque Solto (Rural)	Maracatu de Baque Virado (Nação)
Cavalo Marinho	
Caboclinhos	

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Os nativos levaram seus saberes de volta para suas origens quando a escravidão se tornou majoritariamente africana, mas deixaram seus saberes místicos com as curandeiras, benzedeiras e rezadeiras e seus equivalentes masculinos que fazem, até hoje, parte importante da religiosidade popular brasileira, mas não da religiosidade popular festeira.

Na Figura 2 abaixo, reprodução de um quadro da pintora Dulce Martins, de Santos/SP, estão retratados elementos dessas diversas culturas num ritual de benzimento. A benzedeira usa um ramo para cuidar do paciente, enquanto à esquerda do quadro várias pessoas, numa outra sala, aguardam para serem atendidas. Acima da porta dessa sala de espera, estão uma vela e um pequeno vaso, que são elementos das culturas africana e católica, respectivamente, que aqui estão lado a lado como uma proteção para os que estão na sala de benzimento ou para os que nela entram. Na parede há imagens do Sagrado Coração de Jesus, devoção implantada pelo clero tridentino, um preto velho que remete ao Candomblé Congo/Angola e à Umbanda, um retrato de Santa Bakhita, santa católica de origem sudanesa, canonizada no ano 2000, o busto de um caboclo, que remete aos ancestrais dos povos nativos e, novamente, à umbanda, e um tradicional oratório com as imagens de Nossa Senhora da Conceição e Aparecida. Uma mescla de culturas onde os povos nativos se fazem lembrar num ritual religioso que não tem a dança ou a festa.

Todavia, isso não significa que a memória dos povos nativos em manifestações populares tenha desaparecido. Ao contrário, como apresentei na tabela da página 10, ela é evidente nos Caboclinhos pernambucanos, nos Cavalo-Marinho pernambucanos/paraibanos, nas figuras do Caboclo de Pena dos Maracatus de Baque Solto pernambucanos, de alguns Bumba meu boi maranhenses, e até em algumas congadas onde também aparece o personagem com o nome de Caboclo[20], mas essas manifestações, em sua maioria, não realizam um culto religioso quando saem às ruas[21]. Embora sua ligação com o culto à Jurema ou com religiões de origem africana exista e permita que muitos desses personagens estejam calçados[22], essa proteção é feita dentro dos espaços dos terreiros, antes do sair para as ruas. Para evitar uma generalização inconsequente, lembro que Murphy (2008) fala da possibilidade de transe da pessoa que interpreta o caboclo Urubá,

[19] Temos aqui, novamente, que mencionar a Umbanda.

[20] A presença da figura do Caboclo em algumas festas dedicadas a N. Sra. e São Benedito, conhecidas como Reinados ou Congadas merece mais estudos. Essa presença é rara e restrita a algumas cidades de Minas Gerais.

[21] Como já dissemos, a saída às ruas das Congadas e dos Maracatu Nação são, de fato, rituais religiosos.

[22] Expressão comumente usada pelos participantes desses grupos como sinônimo de protegidos. Essa proteção acontece por meio de rituais ligados principalmente ao culto à Jurema e à Umbanda e, no caso do Maracatu de Baque Virado, também pela ingestão de uma bebida chamada de Azougue, mistura de cachaça e limão com pólvora e outros ingredientes que serve também como um estimulante energético.

personagem do Cavalo-Marinho durante sua dança (p. 59). Também presenciei, em certa ocasião especial, a incorporação de entidades em participantes de um Bumba meu boi no Maranhão[23].

Figura 2 – Benzedeira.
Fonte: Dulce Martins (2020).

O catolicismo africano e a religiosidade popular festeira no Brasil

A cosmovisão africana que está presente e é um dos alicerces da religiosidade popular brasileira se misturou com o catolicismo dos navegadores portugueses quinze anos antes do Brasil ser encontrado por Cabral, ainda na África.

Em 1583 o navegador Diogo Cão, chegou à foz do rio Zaire, onde hoje é o Congo, como parte do Périplo Africano que pretendia descobrir um outro caminho para as Índias contornando a África. Ele encontrou no Congo uma civilização extremamente organizada onde pequenos reinos eram chefiados por um rei maior, o mani Kongo. Esses reinos tinham entre si um forte comércio de diversas mercadorias como artefatos de ferro e marfim que impressionou e interessou aos portugueses. Diogo Cão voltou ao Congo dois anos depois com instruções da Coroa para iniciar uma relação comercial com o mani Kongo.

> No ano de 1485, Diogo Cão desembarcou, pela segunda vez, no estuário do rio Zaire.
>
> O fidalgo navegador era o responsável por uma missão estratégica para o futuro do comércio português na costa africana. Estava encarregado de estabelecer relações amigáveis com os principais daquelas terras, garantindo, desse modo, futuros e rentáveis negócios para o comércio de Portugal. Suas recomendações eram claras: não incitar nem provocar aquelas gentes "mas, como toda a atenção e com agradáveis palavras, condu[zir] os ânimos daquelas pessoas a acreditar na fé de Cristo e a fazer amizade com o seu Rei (Reginaldo, 2001, p. 30).

A partir daí portugueses e congoleses estabeleceram uma relação de comércio, que incluía a escravidão, e também a troca de informações, numa diplomacia que permitiu a presença de portugueses na corte congolesa e de africanos livres na corte portuguesa. "O envio de jovens da elite conguesa para Portugal, a fim de obterem educação formal e religiosa, foi uma constante durante os primeiros séculos de contato" (Reginaldo, 2011, p. 35).

[23] Acho razoável considerar que esses transe e incorporações sejam fruto de uma relação pessoal do indivíduo com o que ele acredita e não uma manifestação coletiva.

Marina de Mello e Souza descreve o processo de crescimento dessa relação e como o tráfico de escravizados enriquecia e fortalecia todos esses reinos, solidificando os acordos entre africanos e portugueses:

> O comércio com os portugueses e as mercadorias que introduzia forneciam novos e abundantes signos de prestígio. Dessa forma, os chefes envolvidos no tráfico, principalmente de escravos, tornavam-se mais poderosos e expandiam, seus territórios e aldeias tributárias. [...] Os sobas do Ndongo, antigos tributários do mani Congo, tornaram-se mais fortes à medida que aumentou seu envolvimento com o tráfico, permitindo-lhes o acesso a mais índices de riqueza e prestígio quando não às cobiçadas armas de fogo que os portugueses relutavam em comerciar (Souza, 2006, p. 101).

Quando Diogo Cão voltou ao Congo em 1485, o catolicismo veio com ele e foi absorvido com uma relativa facilidade.

Na prática, os congoleses não se convertiam, abandonando suas crenças anteriores. Eles absorviam valores do catolicismo, porque isso também era conveniente como forma de solidificar o comércio com os portugueses, e os integravam aos seus valores como sempre fizeram com outras culturas que encontraram pelo caminho, desde que começaram a migrar da região onde hoje é a fronteira de Camarões com a Nigéria, alguns séculos a.C.

Assim, o Congo foi a porta de entrada do catolicismo na África Bantu. Essa entrada foi facilitada por alguns fatores e similaridades das quais destaco:

1- A crença numa vida após a morte e em um Deus único: Para os Bantu, N'Zambi é o Deus supremo, criador do universo. Por ser todo poderoso, N'Zambi não precisa de nada. Os Bantu nada oferecem a N'Zambi e nada pedem a ele diretamente. O contato com esse deus supremo é feito através de forças sobrenaturais presentes na natureza, conhecidas como N'inkisi (plural M'inkisi) e dos ancestrais falecidos. Como no catolicismo os santos (ancestrais do catolicismo) fazem a intermediação com Deus, santos negros como São Benedito e Santa Efigênia foram apresentados pelas ordens missionárias ao povo Bantu como ancestrais, de modo a facilitar a assimilação do catolicismo.

2- A necessidade de sacerdotes e de objetos especiais para fazer essa conexão com o mundo sobrenatural que, por sua vez, conduz à N'Zambi, assim como, no catolicismo, os padres fazem o mesmo papel, conduzindo a devoção aos santos e o culto a Deus

Um terceiro fator que merece destaque é o uso da cruz nas duas culturas, como símbolos de coisas diferentes, mas que, na prática, se fundiram no símbolo cristão, mas que permaneceu visto pelos Bantu à sua maneira "Portanto, é importante ressaltar que, ao adotarem a cruz católica, os congoleses estavam expressando suas crenças tradicionais ao mesmo tempo que levavam os portugueses a acharem que abraçavam integralmente a nova fé" (Souza, 2006, p. 60).

O cosmograma Kongo apresentado na Figura 3 já foi explicado por diversos autores a partir da pesquisa de Bunseki Fu-Kiau, congolês, filósofo e pesquisador da cultura dos povos Bantu. Ele representa o ciclo da vida comparado ao ciclo do sol, como se cada ser humano fosse um sol que nasce, atinge o apogeu, declina e morre. Como ele mesmo explica:

> Musoni (ponto de demarcação amarelo), Kala (ponto de demarcação preto), Tukula (ponto de demarcação branco, Luvemba, ponto de demarcação branco). Ademais, esses pontos de demarcação são os quatro grandes "sois" de todos os processos de formulação de mudança. O primeiro (sol Musoni) é o sol do "ir para" (lutumu lwa mvangumunu) todos os começos; o segundo, (sol Kala) é o sol de todos os nascimentos; o terceiro (sol Tukula) é o sol da maturidade,

liderança e criatividade; o quarto (sol Luvèmba) é o sol da última e maior mudança de todas, a morte (Fu-Kiau, apud Damasceno *et al.*, 2023, p. 157).

MacGaffey (2000, p. 247) também ressalta e confirma a importância da cruz nos rituais de proteção e adivinhação elaborados por congoleses, fosse ela pintada no fundo de um pote usado em rituais, fosse traçada no chão, ou encontrada numa encruzilhada, como ponto de transição entre o familiar e o estranho, entre o que é visto e o que não é visto "O sinal da cruz é um "cosmograma", uma marca microcósmica desenhada no chão para indicar que o indivíduo em questão está numa encruzilhada entre causas invisíveis e efeitos visíveis. Não é um resíduo de influências cristãs" (tradução própria).

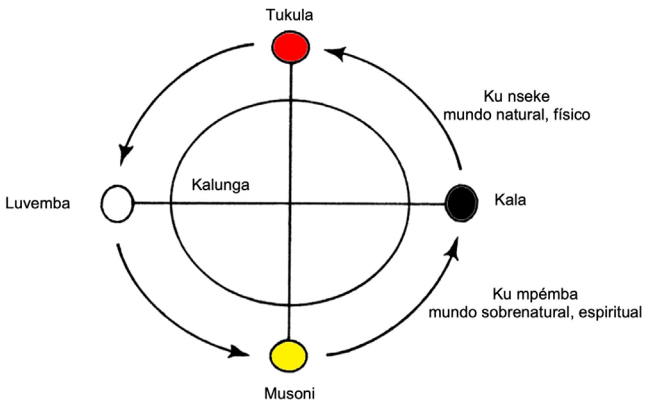

Figura 3 – Cosmograma Bakongo.
Fonte: Fu-Kiau apud Damasceno *et al.* (2023).

Esse "catolicismo africano" chegou ao Brasil com os escravizados e sujeito a uma nova relação senhor x escravo. Foi organizado por Irmandades de Homens Pretos, sob a proteção dos Santos Negros, principalmente N. Sra. do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Essas Irmandades serviram como forma de resistência e manutenção da identidade africana e de um mínimo de dignidade para, inclusive, enterrar seus mortos.

Criando novos mitos fundadores como o da aparição[24] de N. Sra. do Rosário, celebrando seus padroeiros, coroando seus reis e rainhas, dançando e cantando como forma de oração, os Bantu mantinham com eles sua ancestralidade e as memórias trazidas da África e que eram o que a escravidão nunca tirou deles, e criaram aqui uma das mais bonitas manifestações da nossa religiosidade popular: Os Reinados de N. Sra. do Rosário[25].

Os Reinados, eventualmente também chamados de Congadas ou suas variações, estão presentes em todo o Brasil. Marujadas, Ticumbis, Cacumbis, Catumbis, Cambindas, Congos, Moçambiques, Massambiques, Vilão, Catopés são grupos que aparecem com compromissos diferentes, tocando ritimos diferentes com instrumentos diferentes, mas sempre ligados a uma festa geralmente em homenagem a N. Sra. do Rosário ou São Benedito.

[24] O mito fundador que sustenta a organização dos Reinados de N. Sra. do Rosário não existe no ambiente católico institucional e conta a história de uma imagem que apareceu na água e só atendeu ao chamado dos tambores dos negros escravizados que para ela tocaram e cantaram, desprezando o chamado dos brancos.

[25] Tema da minha dissertação de mestrado.

Concluindo, mas não terminando…

Há razões fortes e suficientes para afirmar que no Brasil, e possivelmente em toda a América Latina, as expressões catolicismo popular e religiosidade popular são sinônimas.

O estímulo para dedicar mais atenção para essa forma de crer que vem do povo partiu da própria Igreja Católica no Concílio Vaticano II, quando a percepção de que o protagonismo do l*eigo* precisava ser mais considerado e respeitado. Foi então que "passaram a caneta marca-texto" na expressão religiosidade popular.

Essa religiosidade popular se formou por aqui a partir das culturas dos povos nativos, africanos e da religiosidade, também popular, portuguesa. Por conta disso ela inclui crenças e formas de celebrações que são características dessas culturas e nem sempre aceitas pelo clero e pelo catolicismo institucional, sempre sediado em Roma, mesmo depois do Vaticano II e das Conferências de Medellin e Puebla.

Características marcantes dessa religiosidade popular são o canto e a dança, herdados, principalmente, dos povos nativos e africanos, que cantavam e dançavam para "rezar".

Defendo a hipótese de que, nas festas onde a dança e o canto permanecem como rituais religiosos, a presença do saber e do crer africano é maior ou exclusiva, em relação às práticas de povos nativos, que permanecem, entretanto, representados em outras festas e grupos onde a dança e o canto não são, necessariamente, formas de oração.

Explico de onde vem essa influência africana, como ela se manifesta nas festas dedicadas a São Benedito e N. Sra. do Rosário e apresento outras festas e outros grupos onde religiões de origem africana fazem da dança e do canto um ritual religioso no espaço público e fora dos terreiros.

Referências

Andrade, M. Danças dramáticas do Brasil (1º tomo). Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

Azzi, R, *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

Damasceno, W. *et al.* (org.). *Através das águas*: os bantu na formação do Brasil. São Paulo: Hucitec Editora, 2023.

Documento de Puebla texto integral. *In*: Conferência Geral do episcopado Latino-Americano, 3. 1979, Puebla de los Angeles. *Anais* [...]. Puebla de los Angeles: CEFLAM, 1979. Disponível em: https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Puebla-1979-3CELAM-PORTUGUES.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

Macgaffey, W. *Kongo Political Culture*. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

Murphy, J. P. *Cavalo Marinho Pernambucano*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

Reginaldo, L. *Os Rosários dos Angolas*. São Paulo: Alameda Editorial, 2001.

Roxo, R. M.; Santos, B. B. (org.). *A Religião do povo*. São Paulo: Paulinas, 1978.

Souza, M. M. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

van der Poel, F. *Dicionário da Religiosidade Popular*. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.